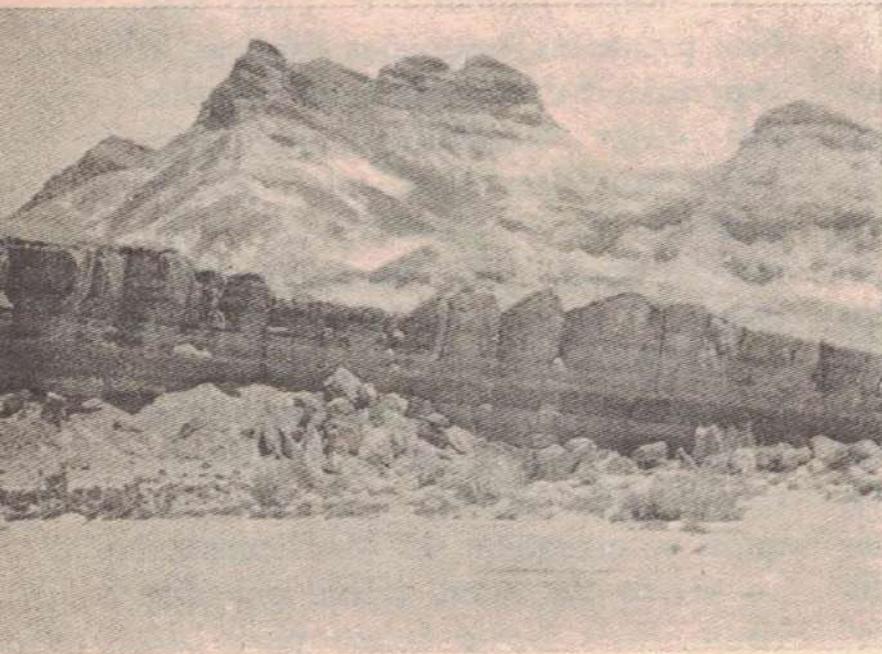


A Que Monte Subiu Moisés?



O Monte Sinn Bishr

Os indícios deixados pela Bíblia levam a diferentes montanhas, mas a qual delas terá Moisés subido para falar com Deus e receber os Dez Mandamentos?

GORDON GASKILL

E STÁVAMOS procurando uma montanha—de certa forma, a montanha mais famosa, mais venerada e mais importante do mundo. Praticamente metade da população da Terra (cristãos, muçulmanos e judeus) a veneram como o local onde Moisés falou com Deus e d’Ele recebeu as Tábuas da Lei. Todo mundo conhece o nome (ou os nomes) que a Bíblia lhe dá: geralmente Monte Sinai e, às vezes, Monte Horeb. Mas, por estranho que pareça, ninguém sabe exatamente onde fica essa montanha.

Minha mulher e eu, munidos de bíblias, livros, mapas e muita curiosi-

dade, tínhamos vindo para o deserto do Sinai. É claro que não tínhamos a pretensão de resolver um enigma de 3.200 anos, mas, na realidade, tínhamos dois objetivos. Em primeiro lugar, visitar um impressionante pico chamado Djebel Musa, ou Monte Moisés, próximo à extremidade sul da península.

Durante dezesseis séculos, os peregrinos vêm fazendo uma longa peregrinação até aqui, convictos de que este é o Monte Sinai. Em segundo lugar, queríamos ver pelo menos algumas das dez, ou mais, outras montanhas que os estudiosos afirmam ser o verdadeiro Monte

Sinai. Era impossível visitar todas, uma vez que, em certos casos, se encontram separadas por trezentos quilômetros e em três diferentes países: Jordânia, Arábia Saudita e o Sinai egípcio, ocupado pelos israelenses.

Tínhamos conosco o companheiro ideal para nos explicar os mistérios do Sinai: o Prof. Menashe Har-El, que leciona geografia bíblica e história em duas importantes universidades israelenses. Há muito fascinado pela história de Moisés e pela região (já percorreu e acampou nestas terras solitárias inúmeras vezes, e até deu o nome de Sinai a um filho), Har-El recentemente surpreendeu o mundo da geografia bíblica com um livro premiado, no qual propunha mais um candidato a Monte Sinai — o décimo terceiro!

Indício número um. Partindo de Tel-Aviv, voamos com o Prof. Har-El até a Península do Sinai. Já vi muitos desertos, mas nenhum se comparava com a terra torturada e nua que corria sob as asas do nosso pequeno avião. Em algum lugar, lá embaixo, por volta de 1250 antes de Cristo, Moisés e seu povo fizeram a mais famosa Longa Marcha de toda a História, levando quarenta anos para cruzar uma extensão que nosso avião cobriu em noventa minutos.

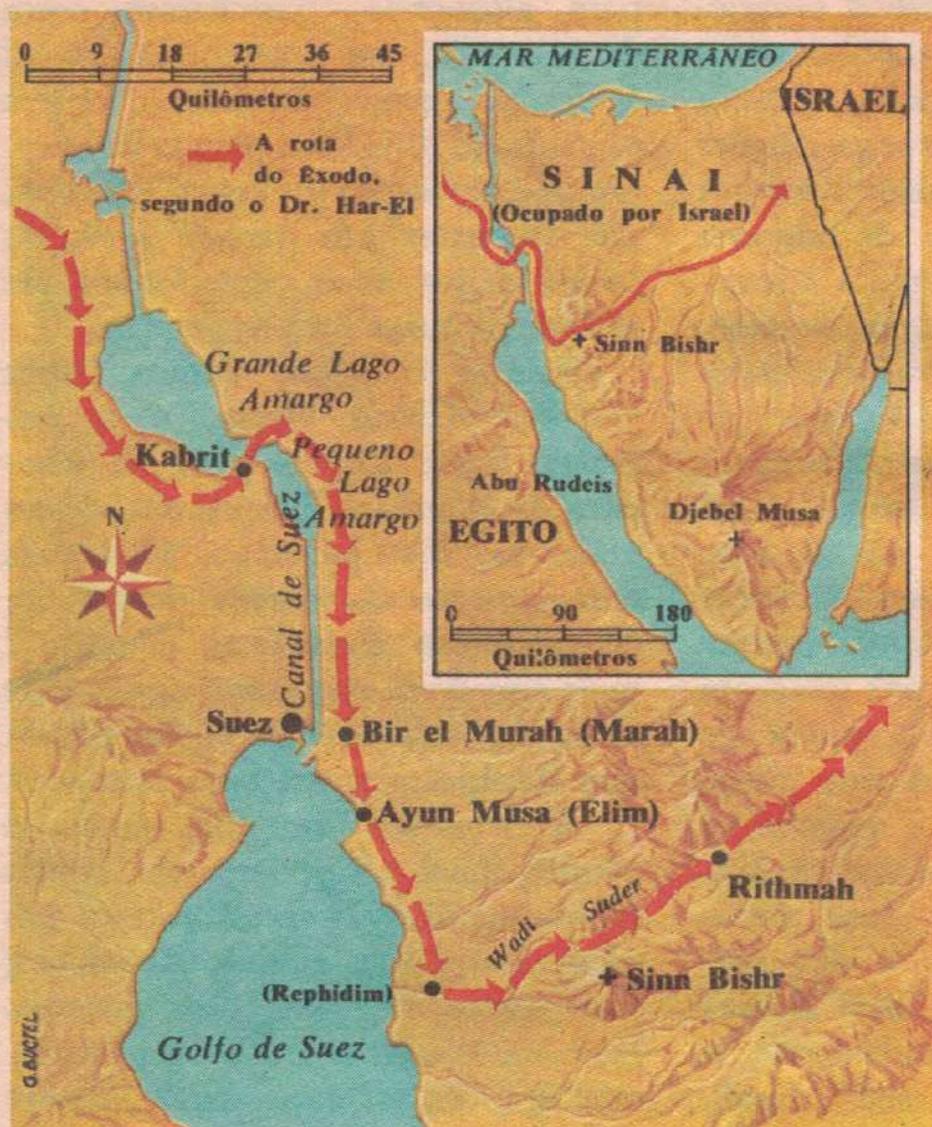
Na margem do Golfo de Suez, entramos num jipe, e iniciamos a viagem, com destino, em primeiro lugar, à montanha que Har-El acredita ser o verdadeiro Monte Sinai. No caminho, explicou: «Para saber

onde Moisés e seu povo começaram suas peregrinações pelo deserto, é preciso inicialmente saber que extensão de águas eles atravessaram, a pé enxuto.»

O nome hebraico é Yam Sûf. Nas primeiras traduções bíblicas, a expressão foi erroneamente vertida por «Mar Vermelho»; na realidade, significa «mar ou lago de juncos». Mas a palavra *juncos* é um indício vital, pois os juncos não crescem nunca em verdadeiras águas marítimas, e sim em água doce ou água salobra, tal como uma vez se descobriu na rede de lagos pantanosos alimentados pelo Nilo, os quais se estendem do Mediterrâneo ao Golfo de Suez. (Hoje em dia, como esses lagos fazem parte do Canal de Suez, têm a água salgada — donde, não haver mais juncos.)

A maioria dos estudiosos estão convencidos de que os israelitas realizaram a travessia em algum ponto dessa cadeia de lagos. Har-El acredita fortemente que tenha sido um ponto próximo da moderna cidade egípcia de Kabrit, onde os dois Lagos Amargos se juntam. Antes de ter sido concluído o canal, em 1869, as pessoas freqüentemente atravessavam a vau um pequeno riacho que havia ali. «E quando um forte vento sueste sopra do deserto», comenta ele, «a água é levada na direção noroeste, tornando assim a passagem entre os dois lagos ainda mais rasa, ou até mesmo secando-a.»

Isto se ajusta perfeitamente ao Êxodo 14:21: «O Senhor lhe di-



vidiu as águas, fazendo que toda a noite assoprasse um vento veemente, abrasador, que lhe secou o fundo.»

Passo a passo. Uma vez a salvo, do outro lado, que caminho tomaram os israelitas — e quanto andaram? Aqui, a teoria de Har-El difere bastante das anteriores. No Êxodo 5:3, Moisés pede ao faraó: «O Deus dos hebreus nos ordenou que fôssemos caminho de três jornadas ao deserto, a sacrificar ao Senhor nosso Deus.» O Êxodo 8:27-28 repete isto: «Devemos logo

ir ao deserto caminho de três dias.» Ao que o faraó responde: «Eu vos deixarei ir ao deserto mas não vades mais longe.» Para Har-El, só isto basta para eliminar o tradicional ponto, bastante afastado na extremidade da Península do Sinai. «São quase trezentos quilômetros», assinala. «Não se pode conceber que eles jamais chamassem a isso uma viagem de três dias.»

Naturalmente, a distância chamada «viagem de um dia» normal exigia, na realidade, muito mais tempo para uma população con-

tando com velhos, doentes, crianças e rebanhos de animais, arrastando-se passo a passo e parando durante dias em qualquer local de acampamento razoável. Para a sua «viagem de três dias», os israelitas precisaram de, pelo menos, um mês.

E em que direção foram? «Para estabelecer sua linha de marcha», diz ele, «é necessário identificar três locais de acampamento vitais. Os primeiros dois foram chamados Marah e Elim (Êxodo 15:23-27) e o terceiro Rephidim (Êxodo 17:1-8).» Abriu um mapa, apontou para três

lugares e disse com visível convicção: «E acredito que os encontrei.»

Na primeira parada, Marah (amargo), a água era amarga demais para beber, até que Moisés a tornou potável com a ajuda de alguma madeira misteriosa. Har-El identifica-a com um lugar no deserto, exatamente a leste da moderna Suez, que os árabes chamam hoje de Bir el Murah (poço amargo). A Bíblia apresenta os israelitas caminhando através de um deserto sem água, apenas para alcançar Marah. «E isso está praticamente certo. A distância é de uns quarenta quilômetros, mas é composta de dunas de areia fofa, o que torna o andar extremamente vagaroso.»

Dali, um dia de marcha os leva até Elim, «onde havia doze poços de água e três dúzias e dez palmeiras». Para Har-El, Elim deverá se encontrar aproximadamente a onze quilômetros do seu Marah, num oásis que os árabes chamam hoje de Ayun Musa (as fontes de Moisés). Acrescenta com convicção: «Hoje em dia, devem existir duzentos ou trezentos oásis em toda a Península do Sinai, mas só este tem exatamente doze poços.»

A terceira parada importante foi Rephidim. É vital a sua localização. Pois é aqui que Deus diz a Moisés: «Contempla que estarei à tua frente sobre a rocha de Horeb...»

Portanto, se se puder encontrar Rephidim, o Monte Sinai-Horeb deverá estar muito perto do lugar onde nos encontramos, mesmo à vista.

Segundo a Bíblia, os israelitas,

para alcançá-lo, marcharam cerca de um dia, ao longo do litoral árido, a partir de Elim, e, em seguida, se dirigiram para o interior. De jipe, rodamos ao longo da costa, até encontrar um grande *wadi*, ou curso d'água seco, que levava até as colinas nuas sem vegetação.

«Este é o Wadi Suder», disse Har-El. «Como viram, é o primeiro lugar lógico para se virar para o interior. Tal como outros viajantes, os israelitas seguiriam naturalmente os cursos dos *wadis*, de utilização mais fácil, e onde é mais provável encontrar água. Para mim, é absolutamente lógico pensar que Rephidim tenha sido este *wadi*. E se isto for verdade, então o Monte Sinai só poderia ser aquela montanha ali.» E apontou para um pico escarpado e eriçado de rochas, com cerca de seiscentos metros. Embora relativamente baixo, sobressaía imponente no terreno, como um marco natural.

«Seu nome, hoje», disse calmamente, «é Sinn Bishr. Isto pode ser traduzido aproximadamente por *o anúncio da lei, ou as leis do homem.*»

Deixou que as palavras ressoassem, e acrescentou: «A distância daqui até o cruzamento dos Lagos Amargos também se ajusta perfeitamente. Em linha reta, são setenta quilômetros, e por estrada, noventa. Exatamente o que os antigos chamariam de uma viagem normal de três dias!»

Prova final? Sentamo-nos sobre umas rochas, bebendo água engarrafada, enquanto o geógrafo men-

cionava outros aspectos que havia considerado. Por exemplo: o tipo de pedra que Moisés usou para as duas Tábuas da Lei, cujo primeiro par ele esmagou num acesso de raiva, e o segundo par que as substituiu.* «Por estas bandas», disse Har-El, «as rochas são de pedra calcária macia. Este tipo de rocha seria fácil de se cortar, gravar, e mais fácil de se partir em pedaços se fosse jogada ao chão; muito mais do que o sólido granito que se encontrava ao redor do local tradicional.»

Ele procurou na Bíblia a passagem que menciona um dos antigos aguadouros que os israelitas usaram depois de deixarem o Monte Sinai. «A Bíblia o chama de Rithmah», disse ele, «e a cerca de dezenove quilômetros de Sinn Bishr, na direção correta, existe um aguadouro que os árabes chamam hoje precisamente por este nome.»

Que certeza terá o Professor Har-El de sua teoria?

«Provavelmente nunca haverá uma prova final», admitiu. «Passou-se muito tempo. Entretanto, talvez ainda surja uma prova final e concludente: os pedaços quebrados das primeiras Tábuas da Lei, que Moisés lançou ao solo. As pedras duram. Aqueles pedaços poderiam estar por aí em algum lugar e, se fossem encontrados, o quebra-cabeças estaria verdadeiramente resolvido.»

Fora deste mundo. Depois que

exploramos a montanha de Har-El, fomos com ele ao Sul, para contemplar o venerado Monte Moisés dos peregrinos. Logo depois de Abu Rudeis, viramos para o interior, penetrando cada vez mais fundo e mais alto na selvática confusão de montanhas e deserto. No segundo dia, num espaço de pouco mais de uma hora, Har-El mostrou-nos cinco diferentes picos que, numa época ou outra, já foram identificados como a Montanha Sagrada.

Finalmente, a 1.500 metros acima do nível do mar, fomos ter a um estreito vale de encostas abruptas, e paramos ao lado dos muros de um antigo mosteiro, o Mosteiro de Santa Catarina. Foi construído por volta de 340 d.C., ao pé do que se acreditava ser o Monte Sinai da Bíblia, no local exato onde Deus teria falado a Moisés, saindo de dentro de uma sarça-ardente.

Não conheço nenhum lugar que tanto justifique a expressão «fora deste mundo». Perdidos nesta fenda montanhosa, distantes de qualquer rota normal, os monges daqui praticamente se esqueceram do mundo, e foram esquecidos por ele. Em 1947, uma expedição norte-americana ficou surpresa ao falar com o Padre Pachomius, o qual, em cinquenta anos, não tinha posto os pés fora dos muros, e nunca tinha ouvido falar de nenhuma das Guerras Mundiais.

Próximo da muralha sul do Mosteiro de Santa Catarina, a montanha se ergue de forma tão íngreme que deixa o mosteiro à sombra

* Vide «Os Dez Mandamentos», Seções de Setembro de 1972.

durante parte do dia. A subida até o topo leva duas ou três horas, ao longo de três mil degraus que os monges entalharam no granito. No cume extremo, existe uma pequena área plana, rica em tradições de Moisés. Aqui, segundo se diz, ele viveu quarenta dias e quarenta noites, comungando com Deus, abrigando-se numa pequena gruta. Uma mesquita muçulmana e uma minúscula capela cristã assinalam o local. A vista em todas as direções é estupenda: grandes abismos e desertos e picos de granito que lançam sombras purpúreas à medida que o sol mergulha sobre a imensidão do continente africano.

«**Envolto em fumo**». Na manhã seguinte, acordamos tão cedo que o céu ainda estava escuro. Em breve, o sino do mosteiro começava a repicar o seu chamado matinal, tal como tem feito durante séculos: 33 badaladas, uma para cada ano da vida de Jesus. À nossa volta, pessoas de três grandes crenças estavam também acordando. Peregrinos cristãos começaram a fazer café. Andarilhos judeus saíam de seus sacos de dormir para poderem chegar ao alto do monte enquanto a manhã estava ainda fresca. Nosso motorista muçulmano começou a tocar o chão com a cabeça, em sua primeira oração muçulmana do dia, curvando-se na direção da sagrada Meca, não muito distante ao sul.

Naquele instante, pus-me a imaginar se algum outro lugar na Terra

poderia ser tão pacificamente tolerante. É verdade que Jerusalém também é venerada por cristãos, muçulmanos e judeus, mas cada qual o faz por motivos religiosos e históricos bem diferentes. Aqui, todos são atraídos pela mesma razão: a grandiosa história de Moisés.

Enquanto nos afastávamos de carro, os vales e o deserto ainda estavam mergulhados na sombra, mas o Sol se levantava rapidamente na Arábia, e pude ver seus primeiros raios tocarem o topo do Monte Moisés, banhando-o num fulgurante dourado. Era impossível não lembrar as impressionantes palavras do Êxodo sobre «raios e trovões, e uma densa nuvem que se formou sobre o monte... e o Sinai estava envolto em fumo, pois o Senhor tinha descido sobre ele, rodeado por uma língua de fogo.»

Terá sido mesmo ali que tudo aconteceu? Ou terá sido no pico que Har-El encontrou, mais ao norte? Ou terá sido ainda em algum dos muitos outros picos que vários estudiosos têm sugerido?

Senti nos meus ossos que dezesseis séculos de tradição são uma coisa difícil de se mudar. Apesar de toda a credibilidade da argumentação dos professores, o Monte Moisés, que agora se desvanecia à distância atrás de nós, permaneceria, para a maioria das pessoas, como o lugar onde os fatos realmente se passaram. «Mil e seiscentos anos», disse Har-El, pensativo, «é muito tempo.»